

## A PROPÓSITO DAS CONSCIÊNCIAS: DIÁLOGO COM ARNO ENGELMANN<sup>1</sup>

Livia Mathias Simão<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto é resultado de um exercício de reflexão, desde a ótica semiótico-constructivista, a respeito de alguns aspectos centrais das formulações teóricas de Arno Engelmann sobre consciência. Inicialmente é feita uma síntese das proposições de Engelmann sobre o tema, consideradas centrais para esta reflexão. A seguir, são indicadas, em contrapartida, algumas proposições nucleares do construtivismo semiótico-cultural, com respeito à relação sujeito-realidade, que podem estabelecer diálogo com as proposições engelmanianas, anteriormente destacadas. Finalmente, são colocadas algumas questões a respeito da abordagem de Engelmann à consciência, advindas desse diálogo.

**Palavras-chave:** construção do conhecimento; consciência

### ABOUT CONSCIOUSNESS: DIALOGUE WITH TO ARNO ENGELMANN

**ABSTRACT:** This paper arises from a semiotic-constructivist reflective exercise respect to some central features of Arno Engelmann's theoretical formulations about *consciousness*. First, some of the main Engelmann's proposals about the focused subject are summarized. Following and in counterpart, some nuclear semiotic-constructivist proposals addressing to the subject-reality relationship, which can be viewed as establishing a dialogue with the previously Engelmannian formulations, are highlighted. Last but not least, some questions respect to the Engelmann's approach to *consciousness* followed from that dialogue are set to be discussed.

**Key words:** construction of knowledge; consciousness.

Estamos inevitavelmente sempre falando de algum lugar. As discussões filosóficas têm talvez como principal ganho nos fazer refletir sobre as implicações ético - científicas de estarmos em determinado lugar. E estaremos sempre em algum.

Estou falando aqui da perspectiva da psicologia construtivista semiótico - cultural, com a qual tenho me envolvido para abordar as relações entre interação verbal e processos de construção de conhecimento, com ênfase nas construções possíveis para o sujeito, diante do significado afetivo - cognitivo que a relação com o outro tem para ele (Simão, 2000a; 2000b; 2001; 2002a; 2002b).

Deste lugar, sempre damos especial atenção ao contexto em que as ações ocorrem, porque elas só podem ser compreendidas em seu significado

afetivo - cognitivo quando contextualizadas.

É justamente neste sentido contextual, e não apenas formal e de "boas maneiras", que agradeço ao José Lino pela oportunidade de estar aqui com vocês, na USP Ribeirão Preto, fazendo a tentativa bastante estimulante e difícil de refletir, criticamente e de maneira sintética, sobre algumas das idéias que tiveram grande influência na minha formação acadêmica: as idéias do professor, amigo e colega Arno Engelmann sobre *consciência*.

"Mas o relato verbal relata o relatado num efeito de inferência" (Engelmann, 1985, p. 2). Felizmente ou infelizmente, não computei quantas horas, com idas e vindas, Beth Tunes<sup>3</sup> e eu nos debruçamos sobre esta formulação do Arno, quando fazíamos nossas teses de mestrado e doutoramento.... Era, para nós, uma formulação que encerrava o fascínio e o enigma de nos sentirmos próximas a uma versão filosoficamente relevante dos fenômenos que eram

<sup>1</sup> Artigo recebido para publicação em 07/02; aceito em agosto de 2002.

<sup>2</sup> Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Cidade Universitária A de Salles Oliveira, 05508-9000 São Paulo - SP Brasil. E-mail: lmsimao@usp.br.

<sup>3</sup> Profa. Dra. Elizabeth Tunes (Universidade de Brasília e Universidade Católica de Brasília).

temas das nossas pesquisas. É bom lembrar que estávamos no final da década de 70, início dos anos 80 do século XX, quando ainda, em alguns setores da Psicologia brasileira, encontrava-se forte resistência ao reconhecimento da condição fascinante e inescapável do ser humano como alguém que se relaciona interpretativa e inferencialmente com sua própria experiência. Aquela formulação do Arno funcionava, pois, emblematicamente como um encorajamento e um aval para nós, já que o pesquisador não foge à regra dos humanos: tem sua ação não só racionalmente, mas também afetiva e emocionalmente orientada. Não é à toa que minha primeira anotação de aula no curso “A Psicologia como parte da filosofia e das ciências”, ministrado pelo Arno em 1989, foi a de que “o que interessa não é como o psicólogo se relaciona com o sujeito, animal ou humano, com o paciente, mas sim como ele vê essa relação”. Arno nos abriu, e abre a seus novos alunos, a perspectiva do desafio de tratar com aquilo que é fenomenologicamente significativo, fazendo-o já através de seu próprio discurso nos textos que escreve: interage diretamente com o leitor, na primeira pessoa e no tempo presente, falando da experiência de estar aqui e agora, convidando - o para o diálogo filosófico - científico que a partir daí se instala. Não faz mistério de suas opções. Consegue compatibilizar fala coloquial com densidade filosófico - científica, “marca registrada” de seus textos.

Curiosamente, ou compreensivelmente, é daquela mesma proposição do Arno que eu parto novamente hoje para delinear alguns aspectos que penso serem fundamentais para a questão da consciência.

“O relato verbal relata o relatado num efeito de inferência” (Engelmann, 1985, p. 2) implica três instâncias interrelacionadas e fundamentais para essa questão: linguagem, subjetividade e consciência, que, por sua vez, remetem, dialogicamente, ao indizível, ao intersubjetivo e ao inconsciente.

Passo a sintetizar minha compreensão de algumas das proposições do Arno que considero centrais e que estão presentes em Engelmann (1983; 1985; 1988; 1989; 1997; 2001).

O recorte da obra foi, evidentemente, forçoso e o critério que utilizei foi o das interseções mais relevantes que vejo das idéias do Arno com a área de pesquisa que desenvolvo, seja no sentido convergen-

te, seja no sentido de problematiza-las ambas.

Para mim, o fenômeno fundamental de que Arno parte é o do conhecimento do mundo pelo eu, ou seja, da questão filosófica das condições de conhecimento, inclusive científico. A possibilidade de conhecer tem como premissas o ceticismo probabilista humano e o emergentismo gestáltico da teoria geral de sistemas de von Bertalanffy.

Desse lugar Arno faz proposições especificamente atinentes à questão da consciência.

A partir dos conceitos de *dado primário* e de *hipótese de primeira e segunda ordem*, ele chega às formulações de *dois tipos de consciência*. A consciência do outro, chamada inicialmente de *consciência - 2* e posteriormente de *consciência mediata*, é formada de *experiências do outro* e *reconstruída parcialmente* na consciência do eu. Ela é mediata porque conhecida através de fenômenos psicológicos *expressivos* do outro, como por exemplo a *fala*. É, portanto, *construída* e será sempre *inferida*. Além disso, a consciência mediata é *temporal*, *intencional* e determinada pelos estados organísmicos e pela *experiência*. Ela é uma pequena parte de um dos níveis de organização do ser humano e pressupõe uma *relação de conhecimento probabilística* do mundo real pelo eu. Se se postula uma consciência - 2, haverá, é claro, uma *consciência - 1*. Ela é a consciência do eu que é dada *imediatamente*. É *atemporal* e *epistemológica*, base de qualquer *descoberta* do ser humano. A consciência imediata é “*maior*” que as formas de expressão, por exemplo, a linguagem. Salvo a própria consciência imediata, *tudo mais no universo é mediato*.

O desdobramento teórico - epistemológico da distinção entre consciências implicou a construção atual de Arno sobre os dois mundos: o *meu - mundo* e o *resto - do - mundo*. O meu mundo advém da consciência imediata e o resto - do - mundo da consciência mediata. Todos nós apresentamos meu - mundo e resto - do - mundo, e eles serão sempre *diferentes para cada um de nós* e para nós mesmos em *diferentes momentos de nossas vidas*. Nossas proposições sobre o *meu - mundo dos outros* e o *meu - mundo de mim em tempos passados*, inclusive imediatamente passados, isto é, sobre o resto - do - mundo para mim, serão sempre inferências

feitas através de expressões minhas ou do outro. O mesmo vale para o outro, a respeito de mim. Mas a inferência é um processo singular, individual, donde a construção, o conhecimento inferencial do chamado “mundo”, que aqui se define como resto - do - mundo, depende do meu - mundo de cada pessoa.

Passo agora a pontuar rapidamente algumas das posições centrais do construtivismo semiótico - cultural que podem ter certa convergência com as posições do Arno que destaquei acima, mas que, ao mesmo tempo, suscitam questões com relação a elas. Na perspectiva dos construtivismos, *a realidade é construída e reconstruída pelo eu, através, fundamentalmente, da mediação de formas de expressão do outro que são interpretadas pelo eu*. Esta interpretação é sujeita à *negociação eu - outro*, especialmente através da interação verbal, dando lugar, muitas vezes, à emergência de *novos significados*, que serão *balizadores* (Valsiner, 1997a, 1998) de futuras interpretações e negociações. As formas de expressão e de interpretação variam com a cultura, a época e, principalmente, na mesma pessoa em tempos diferentes, devido à relação dialógica eu - mundo<sup>4</sup>. Neste sentido, sujeito e cultura são mutuamente constitutivos, mas o *sujeito é seletivo em sua disponibilidade* para a relação eu - outro, que concretiza indiretamente a relação sujeito - cultura.

Dentre as formas de expressão do outro, a expressão verbal tem sido culturalmente privilegiada, daí a centralidade da relação eu - interlocutor na construção da realidade. Neste sentido, sinteticamente falando, *o conhecimento da realidade, incluídos aí o si mesmo, o outro e a relação si mesmo - outro, é uma construção e reconstrução a partir da experiência individual mediata, singular e subjetiva, donde o caráter de novidade e irrepitibilidade das construções simbólicas da realidade*.

Na relação eu - interlocutor, a experiência com a realidade é, na verdade, experiência com a expressão direta ou indireta (marcas) do outro, que é inter-

pretada pelo eu, que se expressará a partir daí para o outro, que se vê como eu, e assim por diante. Na interação verbal, a fala é a expressão por excelência interpretada na construção não só do conhecimento sobre a realidade, que é conteúdo da conversa (tematizada na conversa), mas também na construção do outro e da relação eu - outro como realidade.

Dado esse caráter mediado e construtivo da relação eu - mundo, que inclui a relação eu - outro, a realidade é uma versão mais ou menos plausível que o sujeito constrói e reconstrói em seu processo de desenvolvimento, que dura toda sua vida. Este processo construtivo é um processo mental, que se dá num tempo irreversível (no sentido de Prigogine e Valsiner), pela ação simbólica do eu, ação esta que é tanto instrumental - racional como afetivo - subjetiva (Boesch, 1991).

Feita esta rápida síntese gostaria de propor algumas questões, no sentido de provocar diálogo, a partir do enfoque e das preocupações construtivistas que podem ser denotadas pelas palavras - chave *emergência do novo, irrepitibilidade, constituição mútua entre sujeito e experiência contextual, intersubjetividade, alteridade*:

1. Penso que as formulações de Arno sobre a consciência se fundamentam e, ao mesmo tempo, enfatizam a *precedência do sujeito na construção do resto - do - mundo*, que é o mundo possível de ser compartilhado. Qual seria o papel do outro, da alteridade, nessa construção?
2. Como se coloca, mais exatamente, a relação entre a singularidade dos *restos - do - mundo* individuais, por um lado, e a repetibilidade como critério científico (Engelmann, 2001, p. 212), por outro? Ou, dito de forma mais ampla, quais as relações da experiência individual, da cultura e da ciência, enquanto *restos - do - mundo*, com o *meu - mundo*? As hipóteses básicas não são também pertencentes aos restos - do - mundo individuais?
3. Que relações *meu - mundo / resto - do - mundo* dariam conta da emergência da novidade nos processos de desenvolvimento ontogenético e cultural?
4. Como a consciência imediata dura apenas um momento, todas as outras consciências do sujeito tornam-se mediatas, como as das outras pes-

<sup>4</sup>A relação dialógica, tal como a entendo, supõe que eu - mundo compõem uma díade na qual se definem mutuamente, sem entretanto haver uma fusão que os torne indistinguíveis. Isto pressupõe a separação inclusiva, no sentido de Valsiner (1997b), onde a própria relação entre os elementos é parte do sistema e, portanto, essencial para se compreenda a própria constituição de cada um.

soas (Engelmann, 1997, p. 28). Assim, o eu é sempre mediato como instância para si mesmo e, portanto, jamais capta a si como idêntico. Isto daria conta da experiência de mutabilidade do eu para si mesmo. Mas como ficaria a experiência complementar e essencial de percepção de constância em si mesmo? O mesmo valeria para a experiência com o outro.

5. “Uma consciência não pode conhecer outra consciência do mesmo modo que se conhece a si mesma” (Engelmann, 1997, p. 30). Mas o autoconhecimento não seria igualmente mediato, já que as consciências imediatas são momentâneas, e passam a ser daí lembranças?

#### Referências Bibliográficas

Boesch, E.E. (1991). *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. Berlin: Springer – Verlag.

Engelmann, A. (1983). O Significado como parte do diálogo. *Ciência e Cultura*, 35(10), 1452 – 1455.

Engelmann, A. (1985). Comportamento verbal e relato verbal. *Psicologia*, 11(1), 1-6.

Engelmann, A. (1988). Duas estruturas de consciência: teoria probabilística e teoria geral de sistemas. *Ciência e Cultura*, 40 (4), 347 – 354.

Engelmann, A. (1989). Relato verbal, principal representante da consciência - 2 humana. *Ciência e Cultura*, 41(7).

Engelmann, A. (1997). Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8(2), 25 – 67.

Engelmann, A. (2001). O meu - mundo e o resto - do - mundo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1): 211-223.

Simão, L.M. (2000a). Desequilíbrio e co – regulação em situações de ensino – aprendizagem: análise segundo o conceito de ação comunicativa (Habermas). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 33-38.

Simão, L.M. (2000 b). The role of the other in the process of knowledge construction: Developments from the Symbolic Action Theory of Ernst Boesch. Anais da 3rd. Conference for Sociocultural Research, Campinas, São Paulo, Brasil, CD-ROM e [www.fae.unicamp.br/](http://www.fae.unicamp.br/)

*br2000*.

Simão, L.M. (2001). Boesch's Symbolic Action Theory in Interaction. *Culture & Psychology*, 7(4): 485-493.

Simão, L.M. (2002a). A noção de objeto e a concepção de sujeito em Boesch. Em: L. M. Simão, M. T. C. C. de Souza e N. E. Coelho Júnior. *Noção de Objeto, Concepção de Sujeito: Freud, Piaget e Boesch*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Simão, L.M. (2002b). O significado da interação verbal para os processos de construção de conhecimento: proposta a partir da ótica boeschiana. Em: S. A. S. Leite (Org.) *Cultura, Cognição e Afetividade: a sociedade em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Valsiner, J. (1997a). *Culture and the development of children's action – A theory of human development*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Valsiner, J. (1997b). Dialogical models of psychological processes: capturing dynamics of development. *Polish Quarterly of Developmental Psychological*, 3(2), 155-160.

Valsiner, J. (1998). *The guided mind – A sociogenetic approach to personality*. Cambridge: Harvard University Press.